
Making a Murderer: da narrativa aos afetos¹

Tatiana Helich LOPES²
Natalia dos Santos MACHADO³

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

No presente artigo, analisaremos a série estadunidense *Making a Murderer*, percebendo a representação das emoções mediada pelas instituições e o posicionamento das mídias. Baseado na lógica documental, *Making a Murderer* retrata uma estética realista em torno do processo de narrar, o que intensifica os sentimentos causados no espectador. Nos debruçaremos sobre o enredo e a repercussão da série a partir deste modelo de ficção seriada documental. Por fim, veremos como a internet pode ser a precursora de uma rede que vai do consenso ao dissenso, em um drama que permeia os entremeios da justiça.

Palavras-chave: Séries; *Making a Murderer*; emoções; narrativa; documentário.

Introdução

Presente em 95% dos lares no Brasil e consumida por mais de três horas diárias por 43% dos brasileiros (FINGER e SOUZA, 2012, p. 375), a televisão adquire importância no cotidiano brasileiro ao longo de várias décadas. Percebe-se, assim, o dispositivo como uma tecnologia ubíqua em todas as camadas da sociedade nacional (RIBEIRO e SACRAMENTO, 2014). Neste contexto, as séries televisivas nascem e se estabelecem como gêneros contemporâneos constituídos e bem estabelecidos no interior do universo da narrativa popular, apoiadas muitas vezes em convenções genéricas e adaptadas ao contexto industrial e cultural, no qual apresentam como característica o gosto pelo íntimo, isso é, as particularidades do indivíduo no ambiente social.

Segundo Jean Pierre Esquinazi,

A conversa fio condutor de muitas séries, surge como um transformador das imagens que formamos de nos próprios. É uma expressão imediata das diferenças

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio, e-mail: tatihelich@gmail.com

³ Mestranda do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio, e-mail: nataliadossantosmachado87@gmail.com

criadoras de consciência. Daí a nossa definição: a intimidade é o trabalho contínuo de coordenação entre imagem pública e presença de uma continuidade pessoal. A possibilidade de oferecer o espetáculo da intimidade de outrem é uma das mais extraordinárias da ficção: está na origem de numerosos processos, como a voz interior ou a narração subjetiva. (ESQUINAZI, 2011, p. 139)

O modelo ficcional serial adapta-se a diversas tentativas de aprofundamento: o seu filtro traveste as nossas realidades para poder vê-las de outra maneira, talvez de mais longe. O sucesso narrativo da série está ligado a uma ritualidade serial em que é absolutamente necessária a exploração dos enredos de cada episódio.

Dentro deste contexto, analisaremos a série *Making a Murderer* cuja abordagem perpassa uma questão universal: a corrupção em setores da justiça e o sentimento causado no público. Para analisar a série, é preciso entender também sua estrutura, sua relação com outros elementos que configuram o sistema (gênero, plataforma). Este artigo é fruto de um trabalho de início do curso do mestrado e busca iniciar uma pesquisa de como a representação das emoções é vista empiricamente em *Making a Murderer*, a partir da construção de um quadro explicativo, em que analisaremos 28 trechos dos 10 episódios da série.

Sobre o enredo e a repercussão da série

A ideia de que um homem inocente pode estar na prisão, novamente injustiçado, gerou indignação e comoção do telespectador, que assumiu o papel de detetive amador na internet para investigar o caso com o objetivo de descobrir a verdade. Mais que isso, mais de 300 mil assinaturas foram coletadas em um abaixo-assinado enviado à Casa Branca pedindo que Avery seja perdoado. Além da defesa, a repercussão levou a promotoria a manifestar-se para defender o tratamento dado ao caso.

A reverberação de *Making a Murderer*, tanto midiática, quanto em torno dos fãs, foi destaque no panorama audiovisual internacional e nacional por tratar de um assunto polêmico e verídico. No final de 2015, a primeira temporada de *Making a Murderer* rendeu seis indicações ao Prêmio Emmy, incluindo a de melhor documentário e de série de não ficção. O Netflix já anunciou que está filmando a segunda temporada.

Em uma temporada com 10 episódios, a série – dirigida por Moira Demos e Laura Ricciardi - traz a história verídica de Steven Avery, um norte-americano da pequena cidade de Manitowoc, no estado de Wisconsin, que passou 18 anos preso por um crime que não cometeu. Após esses anos, ele consegue a liberdade, já que um exame de DNA

prova sua inocência no estupro e tentativa de homicídio de Penny Beerntsen. Na cidade, o caso vira notícia e, quando Avery está prestes a ganhar uma indenização do Estado por ter sido preso injustamente, ele volta a ser o principal suspeito de outro crime: o assassinato da fotógrafa Teresa Halbach.

Indignação, incômodo, insatisfação. Essas são algumas das emoções despertadas em grande parte do público da série *Making a Murderer*. Desde seu lançamento na Netflix, a série se tornou um fenômeno de repercussão e inspirou debates, que foram além das telas, sobre a investigação e o julgamento que são o enredo e pontos chave da trama.

O modelo seriado e a lógica documental

De acordo com Anna Maria Balogh (2002), a ficção literária e a fílmica não têm, em princípio, nenhum compromisso maior com a verdade e nem com a realidade, têm apenas um compromisso de verossimilhança no relato de manutenção do contrato estabelecido com o leitor desde as primeiras linhas. Nos docudramas, o mundo da ficção tem regras e recortes próprios que o distanciam da realidade. O primeiro elemento francamente distanciador é o recorte temporal, que na ficção tem que ser drasticamente reduzido, posto que a história de uma vida inteira, ou muitos anos da mesma será contada em duas horas no cinema ou em alguns episódios de uma minissérie na TV.

Em *Making a Murderer*, há uma ligação harmônica com o conceito de verossimilhança. A partir do encadeamento da narrativa jornalística com os enfoques dados a respeito da dimensão política do ato do protagonista e a repercussão do caso, percebemos as aproximações e enquadramentos estéticos dados pela direção e produção.

Definir o que é o gênero documental não é tarefa fácil. Inicialmente, podemos dizer que seriam relatos da realidade, um ajuntamento de fatos e depoimentos ou informações ilustradas e roteirizadas. Fernão Pessoa Ramos aponta uma definição bastante elucidativa:

Documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documental em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS, 2008, p. 22)

Documentário e ficção utilizam aspectos formais um do outro e tal fato pode gerar, portanto, alguma confusão entre os gêneros. Deve-se destacar, nessa citação, a intenção

do autor, no caso da série, como um projeto de demonstrar a justiça através dos entremeios jurídicos legais. Ramos (2008) faz alguns questionamentos para entender o que é, efetivamente, o documentário: Seria o documentário um gênero como outros, ou teria o documentário características imagéticas (e sonoras) estruturais que o singularizariam deste outro vasto continente da representação com imagens-câmera que é a ficção narrativa (em seus formatos de “filme” - longa ou curta -, “minissérie”, “novela”)?

Outra referência é Bill Nichols, que descarta o documentário como mera reprodução da realidade (2016, p.47):

Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original - sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos.

Entretanto, a proposta documental de *Making a Murderer* possui um modelo específico que abarca não só este gênero, mas também a complexidade narrativa. Segundo Jason Mittell (2012), para a compreensão das práticas de *storytelling* da televisão americana contemporânea, é necessário considerar a complexidade narrativa como um modelo de narração diferenciado, como nos indica a análise que David Bordwell (1985) faz da narrativa fílmica, em que ele atravessa gêneros, autores específicos e movimentos artísticos para forjar uma categoria coerente de práticas.

A estrutura seriada possui uma base ficcional estabelecida na serialização por ganchos, enquanto produto estético televisivo. Em contrapartida a este formato bem delineado, a proposta narrativa pode não representar apenas um gênero, como por exemplo o documental. Por isso, a complexidade tem sua relevância, principalmente quando se trata de um personagem de caráter duvidoso indo na direção contrária dos mocinhos tradicionais, duvidando da ambivalência maniqueísta muito frequente em muitas propostas narrativas de roteiro. Para dar conta de uma visão analítica do processo narrativo seriado em questão, a narrativa complexa complementa este olhar pouco convencional dos seriados comerciais veiculados pela Netflix.

Na visão de François Jost (2011, p. 62), o sucesso das séries norte-americanas se explica menos por sua capacidade de espelhar de maneira realista nosso mundo do que por sua disposição de fornecer uma compreensão simbólica. Assim, é preciso vê-las como sintomas de nossas aspirações e por aquilo que elas dizem de nós.

Segundo Silva e Fontenele (2017), o pressuposto ainda se aproxima do que Jost (2012) discute sobre realismo nas séries de ficção norte-americanas. De acordo com o autor, o realismo é um discurso que não se orienta pela precisão com o mundo histórico, mas sim pela impressão que causa no espectador ao seguir as regras estabelecidas por essa prática. Com isso, enxergamos as fronteiras existentes entre realidade e ficção, a partir do recorte dado pela série e o desencadeamento da narrativa. Diante da proposta documental de um personagem de caráter no mínimo duvidoso, vimos longos anos de provas e entrevistas que atravessam o sistema jurídico americano, com juízes, advogados, promotores, a fim de atingirmos um sentimento que perpassa a série: justiça.

A representação das emoções em *Making a Murderer*

“Você pode nunca ter cometido um crime, mas isso não significa que não será condenado por um”. Esta fala do advogado de Steven Avery, no terceiro episódio da série, mostra como qualquer cidadão pode passar anos na cadeia, mesmo declarando sua inocência, se o Estado desejar. É esse sentimento de impotência perante aos detentores do poder/lei, que predomina na maior parte dos episódios do documentário e conduz uma mobilização social inesperada.

A série mostra como a família Avery era mal vista na cidade de Manitowoc por ser isolada da comunidade, dedicando-se apenas à administração de um ferro velho situado junto a residência da família. É neste contexto que aparece a representação das emoções, sancionada por instituições (escola, família, mídia) em movimentos de aproximação e afastamento social, em que determinados indivíduos, experiências e ambientes são tidos como intrinsecamente amáveis, temíveis ou, como no caso da família Avery em relação à comunidade em que vive, como repulsivos, desprezados. Na série, dá-se a entender que esses sentimentos já enraizados nos conterrâneos de Manitowoc ajudaram na incriminação de Steven, principalmente por parte da polícia local - que mostrou a comodidade em acusar rapidamente o suposto culpado em detrimento de investigar outros possíveis assassinos, além da chance de vingança - já que os jovens da família Avery constantemente estavam envolvidos em pequenos delitos.

Durante os anos que ficou preso pela primeira acusação, Steven recebia a visita da mãe e se comunicava com a família por telefone e cartas. Os registros desses contatos, mostrados no documentário, revelam a saudade da família, a agonia por não acompanhar

o crescimento dos filhos e o desespero em não poder ajudar a esposa nas tarefas diárias. O aumento dessas emoções fica fortemente nítido nas últimas cartas que o protagonista escreve para a primeira esposa, pedindo que ela se divorcie dele e implorando para que ela cuide bem dos filhos. Na cena, ele chora ao lembrar do momento da separação.

Após ser considerado inocente pela justiça, Steven declara ser um homem feliz ao retornar para a família, para o trailer que vive e por, finalmente, ver a justiça ao seu lado ao determinar que o estado de Wisconsin pague uma indenização pela acusação sem provas. As cenas dele inocentado contam com imagens de Steven com a filha, os pais e alguns familiares, além de fotos de momentos felizes durante o tempo que esteve solto. As primeiras cenas do primeiro episódio mostram a chegada do protagonista a sua casa e o encontro com a família após 18 anos preso. A emoção dos pais já idosos e a esperança da mãe em não desistir do filho, sua persistência em inocentá-lo, além do depoimento emocionado do pai lembrando da tristeza de ver o filho preso tendo certeza de sua inocência já que estava com ele no momento do crime, são cenas que aproximam o telespectador do lado humano e sensível da família, que por tanto tempo foi motivo de desprezo na sociedade.

Ainda no primeiro episódio, Steven declara: “Quando saí da prisão, minha raiva passou. Ficou lá”. Ao mesmo tempo, o protagonista também deixa claro que não conseguirá perdoar aqueles que o colocaram na prisão. Segundo Rezende e Coelho (2010), os indivíduos constroem tanto sua segurança, quanto seus temores, em funções de laços sociais significativos, sendo que um grupo dominante que recusa a relação com os dominados injeta neles o medo e o ódio. Assim, a raiva é uma emoção que põe em questão as relações sociais em jogo.

Após dois anos desfrutando sua liberdade, Steven sofre uma nova acusação, tornando-se o principal suspeito da morte da fotógrafa Teresa Halbach. A polícia diz que ele foi a última pessoa a vê-la com vida. Apesar de ser tomado novamente por sentimentos como raiva e incredulidade, Steven (segundo episódio) se mostra mais uma vez com esperanças: “Eu vou provar minha inocência assim como no primeiro caso. Esta é minha vida, minha liberdade”.

Nos episódios que se seguem, o público acompanha o caso sem saber se Avery é culpado ou inocente e é tomado por emoções, que são relatadas em redes sociais, como: fúria e insatisfação com a atuação policial da cidade e a do promotor; indignação com a

acusação do sobrinho em uma confissão aparentemente manipulada; espanto, com a possibilidade de condenação, mesmo com provas questionáveis.

Os sentimentos dos telespectadores são demonstrados em suas variadas postagens em redes sociais, como nas páginas criadas no Facebook para discutir a série.

Transcrição de algumas postagens na página americana de *Making a Murderer* no Facebook (tradução nossa):

Jade Shea'Rin: Me espanta como as autoridades naquela cidade têm permissão para incriminar tio e sobrinho. É tão óbvio nas entrevistas de Brandon que ele está sendo coagido. Por que ele foi interrogado sem a presença do advogado? Aquele advogado que ele tinha é um completo idiota!

Sherry Rose: Este documentário é um soco no estômago. Não posso acreditar que tais coisas aconteçam nos EUA! Eu não consegui dormir por duas noites seguidas.

Joy Murray: Existe alguma coisa que possamos fazer para que ele possa ser solto? Eu gostaria de poder fazer alguma coisa. Esse homem merece justiça.⁴

No artigo “A expressão obrigatória dos sentimentos”, Marcel Mauss defende que a expressão dos sentimentos é uma linguagem, em que o indivíduo comunica aos outros aquilo que sente em um código comum nesse movimento, comunicando também a si mesmo suas emoções.

Em *Love and knowledge* (1989), Alison Jaggar examina de que maneira os valores dominantes estão implícitos em reações conceituadas como pré-culturais, espontâneas, em “nossas assim chamadas respostas viscerais”. Para a autora, as pessoas nem sempre experimentam as emoções convencionalmente aceitáveis. No terceiro episódio, na primeira vez que Avery é preso, ele conversa com a mãe pelo telefone, mostrando que o contato dos dois era frequente. Apesar de sofrer pelo que aconteceu com o filho, a mãe, já uma senhora de cabelos brancos, mostra a personalidade considerada agressiva da família ao falar com o filho, que está pessimista com o resultado do julgamento: “Não seja tão burro! (...) Vou te dar um soco pelo telefone”. A reação da mãe de Steven surpreende, pois, espera-se palavras de conforto em momentos de desânimo e dificuldade.

Percebe-se a ideia de Jaggar (1989, p. 166) de que a hegemonia que a sociedade exerce sobre a constituição emocional das pessoas não é total. A família Avery fugia do que era tido como convencional. No oitavo episódio, Steven vive - além da indignação -

⁴ Essas postagens podem ser lidas em inglês no link <https://www.facebook.com/makingamurderer/>. Acessado em: abr./2018.

o dilema: se acusar culpado de um crime que não cometeu em benefício de ter sua pena reduzida ou manter sua posição de inocente, perder, e ser condenado à prisão perpétua. “Eu não sei se vão acreditar em mim dessa vez. Da outra vez, não demorou tanto tempo para me declararem culpado. Eu penso nisso provavelmente o tempo inteiro”, contou Steven. No mesmo episódio, aparece a satisfação do promotor com o resultado do julgamento: “Agora, o povo de Manitowoc pode ficar sossegado com a prisão de Steven, ele não estará solto pela cidade”.

Em uma cena de tristeza e impotência, o pai de Steven - com a cabeça baixa e olhos marejados - desabafa: “O condado de Manitowoc venceu de novo”. No 10º episódio, a Sra. Avery mostra sua decepção ao ver que conseguiram destruir sua família: “Eles arruinaram nossa família. Não existe mais família”. Contudo, uma personagem aparece com mensagem de esperança: é a nova namorada de Steven, que escreve cartas para ele não perder a fé e mostra o amor que sente por ele. “Ela acredita em mim”, diz Steven em entrevista na cadeia para o documentário.

Ao contar com imagens reais, não ficcionais, a série traz à tona os sentimentos que afloraram a família Avery, assim como, os envolvidos no julgamento. Com o quadro a seguir⁵, buscamos identificar as principais emoções percebidas em *Making a Murderer*.

Quadro 1 - Descrição dos trechos utilizados para análise (unidades narrativas x emoções transmitidas):

E/T	Síntese do trecho analisado	Emoções transmitidas
1/1	Pai do Steven dá o seu testemunho de indignação pela quantidade de testemunhas ao longo do caso, 22, que o chamaram de caloteiro e mentiroso.	Indignação
2/1	Steven chora no tribunal ao falar sobre sua família durante a detenção.	Tristeza e desolação
3/1	No depoimento do adolescente de 16 anos, Brendan, seu comportamento foi introspectivo ao abaixar a cabeça durante sua fala.	Timidez
4/1	O defensor Len (advogado de Brendan) ficou desapontado com a confissão do juiz Fox.	Decepção
4/1	O pai do Steven foi agressivo em relação ao advogado. “Por que um advogado aceitaria um acordo? Para fazer sua confissão? Isso não é um advogado”, disse ele.	Agressividade

⁵ Quadro baseado no artigo: ROCHA, E.; ARAUJO, F.F.; SCHULZE, M.F. Ação entre amigos: um estudo sobre as representações de consumo no seriado Friends. Alceu. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014, p.62-88.

6/1	Atrapalhado, pai de Steven chega atrasado ao tribunal para acompanhar mais uma audiência. Ele quase entra na porta errada e é conduzido pelos policiais para o local certo.	Angústia e lealdade, pois corre para estar ao lado do filho
6/1	Advogados de defesa conversam com os pais de Steven sobre as provas de sangue encontradas teoricamente no trailer do acusado. O pai fala de sua experiência em matar corvos e como o local fica cheio de sangue e o advogado o acalma falando que é isso que vão fazer: questionar a acusação sobre a falta de sangue no local que dizem ter ocorrido o crime. Durante a conversa, o pai de Steven brinca que se Jerry atirasse nele naquele momento, o local ficaria cheio de sangue. Todos riem da maneira como a família encara a situação: com “humor negro” e de forma irônica.	Deboche, ironia, humor
7/1	Mãe de Steven saindo de mais uma visita ao filho é seguida por jornalistas querendo saber a opinião dela. Ela sai de cabeça baixa em passos rápidos, fugindo da imprensa e, de forma séria, ela diz que não tem nada para falar. Ela chega a ser ríspida ao não responder as perguntas dos jornalistas e apenas perguntar: “como vou passar? Não tô vendo nada”, referindo-se ao fato de estar sendo cercada pela imprensa. Ao entrar no carro, fecha a porta bem rápido, não dando importância para a presença dos jornalistas.	Impaciência, incômodo
7/1	Durante uma das audiências, o microfone é passado para Steven que diz ser inocente e afirma que todos sabem de sua inocência, então, não teria motivos para ele depor.	Tranquilidade em sua decisão
7/1	A mãe de Steven fica com olhos marejados ao saber que seu filho tem grandes chances de ser condenado à prisão perpétua.	Tristeza
8/1	Cena inicia com pai de Steven no ferro velho da família, local de trabalho e único sustento deles, e também lugar onde dizem que aconteceu o crime. O pai entra no galpão que construiu durante a primeira prisão do filho e diz que construiu para os dois criarem peixes. Ele mostra os tanques que construiu.	Esperança na liberdade ao mesmo tempo que tristeza e medo pela possibilidade de o filho ser condenado
8/1	O promotor é irônico e debocha dos fatos levantados pelos advogados de defesa, chega a chamar de bobagem a suspeita levantada pela defesa.	Deboche
8/1	A mãe fala com Steven pelo telefone, os dois riem da frase sem sentido que a mãe fala sobre o canal da TV e, depois, eles torcem para a decisão sair na próxima semana, assim, segundo a mãe, o júri tem mais tempo para analisar tudo. Os dois se conformam com essa esperança.	Esperança
8/1	A mãe de Steven está em casa assistindo aos noticiários que falam sobre a segunda deliberação do caso. Ela tem esperança que o júri decida que o filho é inocente.	Esperança e lealdade
8/1	“Se me declararem culpado, vai ser difícil. É duro pegar prisão perpétua por algo que eu não fiz. Por que fazer minha família passar por isso novamente? É mais fácil tomar outro	Derrota

	rumo, eu tomar outra saída para acabar logo com isso”, diz Steven ao telefone com a mãe.	
8/1	Foco na expressão de tristeza e olhos marejados de Steven ao ouvir a sentença do júri. A mãe não consegue esboçar uma reação e permanece séria, sendo a primeira a levantar da audiência.	Tristeza e indignação
8/1	“Estamos obviamente felizes com esse resultado, julgamos que o resultado justo foi alcançado nesse julgamento”, diz o promotor durante a coletiva de imprensa.	Satisfação
8/1	Advogados de defesa participam da coletiva de imprensa e falam da incoerência do júri e se emocionam com o fato de a “redenção ter de esperar”. Dean pede aos jornalistas que acabem com os julgamentos nesse dia de julgamento.	Insatisfação, súplica
8/1	“Eles conseguiram o que queriam, ponto final. O condado de Manitowoc venceu de novo”, diz furioso o pai de Steven na gravação da série-documentário.	Fúria
8/1	A mãe de Steven se emociona ao dizer que está recebendo cartas de pessoas dizendo que acreditam na inocência do filho dela.	Esperança
9/1	Barb, mãe de Brendan, grita “eu te amo” para o filho após uma audiência.	Companheirismo, amor, lealdade
9/1	Brendan confessa que inventou a história anterior e que Tereza não estava no trailer de Steven no tempo em que ele esteve.	Honestidade
10/1	“Não há mais família aqui. Eles conseguiram o que queriam, eu praticamente não falo com mais ninguém aqui. Acho que não vamos superar isso”, depoimento da mãe de Steven dois anos após a condenação do filho.	Desilusão e tristeza
10/1	“Depois que provar minha inocência, vou limpar meu nome, o de Brendan e de toda a família”, depoimento de Steven. Na cena, o som é coberto por imagens da cadeia.	Esperança
10/1	“A gente sempre se decepciona com o sistema de justiça”, fala Steven ao ser deixado sem advogado e receber a notícia de que o Supremo Tribunal de Wisconsin recusou a revisar o caso.	Decepção e mágoa
10/1	Os antigos advogados de defesa, mesmo afastados, se reúnem para pensar em novas estratégias para o caso de Steven.	Esperança e lealdade
10/1	Steven pede todos os documentos do caso para as últimas advogadas dele e aprofunda os estudos, pois quer insistir em um novo julgamento.	Persistência
10/1	Steven fala sobre o futuro ao lado da namorada com quem ele pretende se casar e ao lado dos pais. “Vou cuidar deles”.	Proteção

Análise dos dados do quadro

Dos 28 trechos analisados ao longo da série, em 10 episódios diferentes, percebemos a presença de sentimentos positivos e negativos, usando essa classificação a

partir do entendimento do senso comum sobre o que é positivo e o que é negativo. Os 12 sentimentos negativos são vistos com maior assiduidade do que os oito positivos. As emoções positivas mais vigentes no quadro são a esperança (6) e a lealdade (4). Já as negativas mais assíduas são tristeza (5), decepção (2), indignação (2) e deboche (2).

Isso nos leva a perceber que o vínculo emocional gerado entre o telespectador e a série é motivado mais pelos sentimentos negativos causados no público, diante do teor dramático da história e através de como a narrativa documental é conduzida, do que os pontos positivos vistos de forma mais branda ao longo dos trechos analisados.

Internet como a rede de consenso e dissenso

“A ideia é fazer com que os espectadores se deparem com questões desconfortáveis sobre como a culpa é decidida neste país [EUA]”, disseram as autoras em suas páginas no Twitter⁶. Se o objetivo era despertar os americanos para a questão judiciária, Moira Demos e Laura Ricciardi cumpriram seu papel. Manifestações diversas nas redes sociais e até um abaixo-assinado (imagem 1) com mais de 300 mil assinaturas enviado ao presidente da época, Barack Obama⁷, mostraram como a série mexeu com os telespectadores, despertando um protagonismo ao transformar o papel passivo do público em ativo, participando não só da narrativa do documentário como se posicionando a favor ou contra o personagem principal. No Facebook, há três páginas criadas para discutir o caso, uma delas é oficial da Netflix e conta com 465 mil usuários. Já no Twitter, a página oficial da série conta com 138 milhões de seguidores e 1.042 curtidas; mas há pelo menos mais três páginas criadas por usuários, cada uma para falar de um aspecto do caso. Nas situações a favor de Steven Avery, o espectador pode vir a ser agente transformador, caso consiga convencer a justiça da inocência do protagonista.

Na internet, há aqueles que já assumiram o papel de detetives amadores e se empenham em investigar, comentar e trocar opiniões sobre as provas do caso, com o objetivo de alcançar a verdade. Podemos pensar, por exemplo, que as apreciações dos

⁶ Link da página da Moira Demos no twitter: <https://twitter.com/filmgreek>. Acesso em: abr./2018.

⁷ "A Casa Branca respondeu que os dois acusados não foram condenados em um processo federal, e sim pelo sistema judiciário de Wisconsin. Por esse motivo, o presidente não poderia lhes conceder o indulto." Texto extraído da notícia "Juiz manda soltar Brendan Dassey, retratado na série 'Making a Murderer'", da Folha de São Paulo, em 15 nov. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1832369-juiz-manda-soltar-dassey-personagem-da-serie-making-a-murderer.shtml>. Último acesso em: jun./2018.

telespectadores serão geralmente mais afetivas do que o são relativamente a outros produtos culturais ficcionais (ESQUINAZI, 2011, p.31). Nos exemplos a seguir, os telespectadores compartilham suas suspeitas na página da série no Facebook⁸ (transcrição e tradução nossa):

Jamie Johnson: Acho que o ex-namorado de Teresa e seu irmão deveriam ter sido mais investigados. Quanto a Kratz, acho que o homem é puramente mau. A partir do momento em que comecei a assistir a série, soube que havia algo de muito duvidoso naquele homem.

Brennen Pogge: Os policiais nunca questionaram "o companheiro de quarto". Eles nunca têm outros suspeitos, além de Steve Avery. Isso é absolutamente absurdo.

Kevin Meadows: Especialmente com Ryan nos ajudando e adivinhando a senha de Tereza, para que pudessem imprimir os registros do celular dela, ficou fácil desconfiar dele. Ele até fez questão de não incluir algumas chamadas que não eram "importantes" para a investigação. Além disso, ele sabia exatamente onde a caixa com o celular estava localizada e quais caixas de roupa eram apenas roupas. Sem mencionar que ele se mudou para "vigiar" o lugar que ela estava.

Motivos pessoais, razões sociais e, principalmente, políticas, são levantados com a meta de garantir a inteligibilidade e até mesmo provocar a correção dos atos praticados de forma injusta ou errônea. A internet sobressai como o mais prodigioso tribunal de experiências e de manifestações emocionais – controversas, proscritas ou legitimadas socialmente. De acordo com Freire Filho (2015), Facebook, Twitter, YouTube, blogs e comunidades online abarcam narrativas, performances, flagrantes e testemunhos emotivos de diferentes atores e grupos sociais que vão de cidadãos indignados até militantes revoltados.

Conhecimentos científicos, psicologia popular, textos sagrados, crenças morais, estereótipos culturais e experiências biográficas são acionados para embasar o julgamento das expressões e das condutas emocionais alheias. Ao mesmo tempo, no caso da série-documental, a repercussão do público e suas manifestações e demonstrações de indignação e insatisfação com a injustiça, que pode ocorrer no sistema judiciário, têm provocado entre os internautas debates e reflexões sociais, políticas e éticas e até fizeram jornais de fora do condado noticiarem o caso (conforme as imagens 2, 3 e 4⁹). Quem sabe,

⁸ Os comentários podem ser vistos na página Making a Murderer no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/makingamurderer/> Último acesso em jun./2018.

⁹ Imagem 1: SEYEDIAN, Michael. Free Steven Avery. *Change*. Disponível em: <https://www.change.org/p/president-of-the-united-states-free-steven-avery> Último acesso em jun./2018.

esses movimentos não ajudam no esclarecimento, comprovação dos fatos e até na conclusão ao descobrir a veracidade: afinal, seria Steven culpado ou inocente?

Imagem 1 – Página change.org conseguiu mais de 500 mil assinaturas para o abaixo-assinado pedindo a liberdade de Steven:

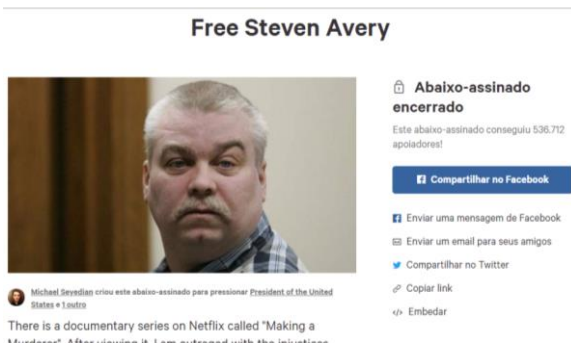


Imagem 2 – Notícia do jornal americano The Guardian fala sobre o caso:

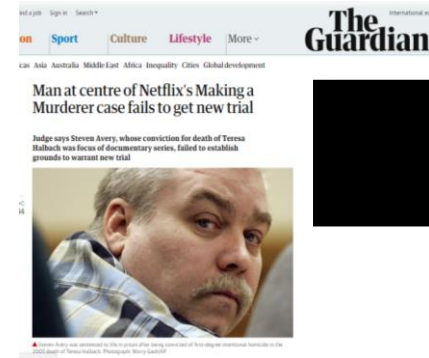


Imagem 3 – Notícia publicada no site de notícias brasileiro Diário de Pernambuco:



Imagem 4 – Site do jornal brasileiro Folha de São Paulo também noticia o andamento do caso mostrado na série americana:



Conclusão

Imagem 2: Man at Centre of Netflix's Making a Murderer Case Fails to Get New Trial. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/oct/04/steven-avery-man-at-centre-of-netflixs-making-a-murderer-case-fails-to-get-new-trial>. Último acesso em: jun./2018.

Imagem 3: Justiça mandar soltar personagem de Making a Murderer, da Netflix, após dez anos. *Diário de Pernambuco*. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divirtase/46,51,46,61/2016/11/14/internas_viver,675076/justica-mandar-soltar-personagem-de-making-a-murderer-da-netflix-apo.shtml. Último acesso em: jun./2018.

Imagem 4: AGÊNCIA DE NOTÍCIA. Juiz manda soltar Brendan Dassey, retratado na série 'Making a Murderer'. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1832369-juiz-manda-soltar-dassey-personagem-da-serie-making-a-murderer.shtml>. Último acesso em: jun./2018.

O uso de imagens de arquivos, imagens reais da vida pessoal e dos julgamentos de Steven Avery, legitima o discurso de *Making a Murderer* e indica ao telespectador a veridicidade da história. A série documental produz um senso de realismo e convida o público a acreditar no que é apresentado. Assim, ao compartilhar emoções (felicidade, angústia, decepção), juntamente com os personagens da vida real mostrados na série, há uma relação de afeto criada pelo percurso da narrativa, atrelada aos fatores impactantes vivenciados em cena.

O principal objetivo deste artigo foi apresentar como o estilo documental de *Making a Murderer* e a questão da justiça mobilizaram e impactaram o público, principalmente o americano, levando-o a expressar sua opinião a respeito dos sentimentos causados pela série nas redes sociais. Ao mostrar a impotência do indivíduo perante os detentores da lei, a série motivou os telespectadores a enviarem um abaixo-assinado ao ex-presidente americano Barack Obama, o que obrigou inclusive uma resposta oficial da Casa Branca.

A forma narrativa da serialização compõe uma estrutura favorável para a motivação emocional do telespectador, que produz uma catarse com as problemáticas levantadas. O documentário é baseado em uma história real, porém, os diretores têm o livre arbítrio de partilhar sua versão dos fatos na forma serializada. Pode-se dizer que este foi um modelo de sucesso, mexendo assim com o que o senso comum considera ou não justiça.

Bibliografia

BALOGH, A. M. Sobre o conceito de ficção na TV. **Intercom**. Salvador, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/43965134282803526762829444267921494072.pdf>
Último acesso em: jun./2018.

ESQUINAZI, J. P. **As séries televisivas**. Tradução Pedro Elói Duarte. Editora Texto & grafia, 2011.

FREIRE FILHO, J. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: BARBOSA, M.; MORAIS, O. (Eds.). **Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades**. São Paulo: Intercom, 2013.

_____. O circuito comunicacional das emoções: a Internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. In: **Encontro Anual da ANPOCS**, 38, 2014. Caxambu: Anais... Caxambu: Anpocs, 2014.

JAGGAR, A. M. *Love and knowledge: emotion in feminist epistemology*. Chicago, v.32, n.2, 1989.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Editora Aleph, 2ª ed., 2009.

JOST, F. **Do que as séries americanas são sintomas?** Traduzido por Elisabeth B. Duarte e Vanessa Curvello. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

MITTELL, J. Narrative Complexity in Contemporary American Television. **The Velvet Light Trap**. University of Texas Press, n.58, 2006.

_____. **Television and American Culture**. New York: Oxford, 2010.

NABI, R. L. Emotion, media, and our social world. In: OLIVER, M. B.; RANEY, A. A. (Eds.). **Media and social life**. Nova Iorque: Routledge, 2014.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Papyrus, 6ª ed., 2016.

RAMOS, F. P. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** 2ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2008

RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Orgs.). **Os gêneros televisivos brasileiros numa perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Multifoco, 1ª ed., v.1, 2014.

SILVA, M.; FONTENELE, M. Entre realidade e ficção: a voz over e as imagens de arquivo em Narcos. **Fronteiras estudos midiáticos**. São Leopoldo: Unisinos, jan/abr. 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.191.06/5916> Último acesso em: jun./2018.